

Um país hostil às mulheres

A gravação em vídeo é de má qualidade, mas dá para ver o casal descendo de um veículo em Pinheiros, zona residencial nobre de São Paulo, à noite. Segundos depois, o homem está agachado socando algo mais abaixo dele. Esse “algo mais abaixo” é a mulher que o acompanhava. Um carro identificado como da vigilância patrimonial local passa enquanto acontece o ataque. Diminui a marcha, mas não para. Por outra câmera, em um ângulo diferente, vê-se que ela está sentada enquanto é agredida. Por essa imagem, é possível notar que alguém olha, de longe, o espancamento. Esse observador, na cena seguinte, ajuda o agressor a carregar a mulher, agitada. Entre os dois, ela esperneia. Sabe-se, depois, que estava sendo levada contra a vontade.

O agressor é Ivo Vel Kos, 48 anos, empresário. A vítima, a dentista Giullia Falcão, 27 anos. Estavam casados há mais ou menos três anos. Conforme ela disse em depoimento à polícia, o espancamento flagrado pelas câmeras não era o primeiro. Ivo foi preso preventivamente, em 15 de agosto, horas depois do ataque. É réu por lesão corporal grave. Giullia ficou com o rosto desfigurado.

A polícia, agora, tenta identificar os seguranças — os do veículo e o que ajudou Ivo a conter Giullia — que viram a agressão e não intervieram. Podem responder judicialmente por cumplicidade.

Tudo nesse relato confirma que o Brasil está empacado quando se trata de defender a vida delas. A Lei Maria da Penha — cujo alcance foi ampliado pelo Supremo Tribunal Federal, na sessão de quarta-feira, para agressores que não compartilham a convivência ou intimidade da mulher — parece não ter o efeito coercitivo necessário. Prova disso é que, em 2025, foram registrados 1.568 casos de feminicídio, conforme o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Aumento de 5,1% em relação a 2024, mas esse número pode estar aquém da realidade.



ANA DUBEUX

anadubeux.correio@gmail.com

50 anos da morte de JK e uma capital sob ataque

Nos últimos dias, estive envolvida com a publicação da série de reportagens do jornalista e mestre em história Jorge Henrique Cartaxo aqui no **Correio Braziliense**. É muito importante para este jornal, guardião da memória da capital, recuperar informações precisas e confiáveis sobre a morte de um dos políticos mais emblemáticos de todos os tempos, em especial para Brasília. Em 22 de agosto de 1976, morria Juscelino Kubitschek. Depois de 50 anos, Jorge resgata os últimos dias e horas antes do acidente fatal na Via Dutra, entre Rio e São Paulo. Relatório da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos concluiu que JK foi assassinado por agentes da ditadura. Convido a todos a lerem os artigos em nosso site.

Resgatar JK é resgatar o espírito daquele tempo de gestação, criação e construção de Brasília. É sempre olhar Brasília como um projeto, que embora fosse sabido que tomaria forma e cresceria para além do plano original, seguiria bases muito firmes — do desenvolvimento; da arquitetura, da arte e do paisagismo magistrais; da qualidade de vida; do encontro do Brasil em um só espaço ao mesmo tempo. Quanta gente diferente não veio parar aqui!

Juscelino foi um político raro. Fiquei pensando o que diria o fundador de Brasília ao ver como o BRB foi dilapidado por operações fraudulentas com o extinto Banco Master e como as negociações para salvá-lo devem ser tocadas com a maior seriedade e transparência, bem esclarecidas e próximas da população. O que há, afinal, de realidade nos discursos de salvação ou mesmo naqueles que já pregam a falência total desse ativo de Brasília? Há de se desconfiar dos extremistas do caos.

Além dos gatunos já conhecidos, há outros suspeitos de participação nesse esquema imundo que se apropriou do banco, e a Polícia Federal pediu mais prazo para conclusão das investigações. Todos que articularam o maior assalto aos cofres públicos da cidade devem ser punidos com o rigor da lei. Ainda vai demorar para termos a dimensão real desse roubo à Brasília. Mas é inconteste a traição ao povo de Brasília e à sua própria história. Essa cidade não nasceu para saciar a volúpia de sempre dos políticos.

No espancamento de Giullia, chama a atenção, também, o fato de que quem presenciou nada fez. Os seguranças somente diminuíram a marcha do carro; o vigilante da guarita ajudou o agressor a levá-la à força para casa, de onde ela poderia ter saído dentro de um saco do Instituto Médico Legal. Tais omissões confirmam o conceito machista de que em “briga de marido e mulher não se põe a colher”. Mostram, ainda, que nem orientados são a ligar para a polícia quando temunharem casos assim.

Leis e aumentos de penas não inibem agressores. São excelentes instrumentos, mas campanhas de esclarecimento e educação desde a base é que têm a eficácia para transformar mentalidades. Só que isso leva tempo. E os números escandalosos da violência contra a mulher constataam um imenso atraso.

Essa lentidão facilita o avanço de movimentos misóginos e de menosprezo ao papel feminino na sociedade. O Projeto de Lei 896/23, que criminaliza a discriminação à mulher e equipara ao racismo, parou na Câmara dos Deputados. Enfrenta a maré contrária de grupos reacionários.

Ainda na Câmara, o PL 988/26 — que cria o crime de incitação misógina organizada, propõe a proibição explícita de conteúdos ou organizações ligadas a movimentos do tipo red pill, e endurece a punição às redes de ódio — foi protocolado. Mas sequer tramita.

Nesse pântano, Giullia foi espancada não apenas uma, mas duas vezes. A primeira pelo ex-marido. A segunda, nas suas redes sociais. Influenciadora digital, ela as mantém abertas para interagir com seguidores. Mas, desde a agressão, recebeu um chorrilho de mensagens desclassificadas. Todo tipo de boçalidade foi ali publicada por perfis que pouco importa se realmente existem, mas que confirmam a institucionalização da violência contra a mulher.

Dito isso, faço um apelo: vamos chamar a população para mostrar ao país que, em Brasília, existe gente séria e honesta, que repudia corruptos daqui e de fora que cometem delitos na capital da República. É fundamental mostrarmos, ainda, por que Brasília precisa ser vista como capital de todos os brasileiros. Tudo que Brasília oferece, desde o dia que foi criada, é para todos os que aqui vêm, sem exceção. Até hoje, ela recebe gente que desembarca aqui para trabalhar, estudar, buscar um recomeço, ter qualidade de vida. São aspirações de todos os brasileiros, não apenas dos brasilienses. Por isso se deve defender o Fundo Constitucional do DF, que financia os serviços públicos oferecidos a todos que procuram o Distrito Federal.

O que diria JK sobre os debates sempre com argumentos falaciosos a respeito do fim do Fundo Constitucional do Distrito Federal? A quem interessa de fato o dedo apontado para a capital do país? Quem lucraria com o sufocamento de Brasília? Acho que esses tempos em que vivemos, tão desafiadores, exigem uma tomada de consciência sobre muitas coisas, tal o estágio de deterioração do mundo e mesmo da humanidade.

Mas particularmente nós, brasilienses, precisamos de muita lucidez para tirar nossa cidade da linha de tiro, dos ataques frequentes à reputação de Brasília e das mãos de gente desonesta. Lutamos muito pela autonomia política do Distrito Federal; lutamos mais ainda contra a ditadura militar. Sem olhar o passado, não há futuro promissor. O presente, mais do que nunca, tem que ser mão na consciência não só na hora do voto.

Eleição não é acerto de contas com políticos, mas com a história. É com essa intenção e responsabilidade que o **Correio** promoverá um debate com os candidatos ao Governo do Distrito Federal nos próximos dias. Com esse mesmo espírito, também realizaremos o Pensar Brasília, evento que reunirá notáveis de vários setores para discutir o que é preciso fazer para a capital fundada por JK permanecer como capital referência de um país ou-sado, inclusivo, democrático e que repudia corrupção.



Cartas

- » Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
- » E-mail: sredat.df@dabr.com.br

JK

Faz 50 anos que o ex-presidente Juscelino Kubitschek faleceu num acidente até agora não bem explicado. Que sua obra, sua maneira de governar, seu ideal e trabalho que fez o Brasil avançar sirva de exemplo para os dirigentes de nosso país.

» **José Ribamar Pinheiro Filho,**
Asa Norte

Impostos

A coluna *Visto, lido e ouvido* da última sexta-feira (21/8) publica artigo intitulado *Tributos varrem empresas do Brasil* e põe a nu a real situação decorrente da política econômica do atual governo. Com clareza, expõe o cipal burocrático e o alto custo resultante dos impostos cobrados pelo governo federal, o chamado Custo Brasil. Parabéns.

» **Manoel Alexandre,**
Brasília

Prêmios da idade

Certa vez, conversando com o gerente circunspecto e grisalho da agência onde eu havia trabalhado, ele perguntou: “Ó Lauro, e em que ano você tomou posse no banco?” Eu respondi, na ponta da língua: “Janeiro de 1956!”. Ele arregalou os olhos e disparou: “Meu Deus, minha mãe tinha apenas 3 anos!”.

» **Lauro A. C. Pinheiro**
Asa Sul

Caminhos sem volta

Ou os estadunidenses estancam — verbo em voga — as pretensões ditatoriais de Donald Trump, ainda no campo da autocracia, ou será o adeus aos Estados Unidos como os conhecíamos. O chefe da Segurança Interna dos EUA reiterou falsas alegações de Trump sobre fraude eleitoral e ameaçou estados com multas. O que Donald Trump pretende? Controlar os mecanismos da infraestrutura eleitoral do país, ampliando sua influência sobre o processo democrático.

» **Marcus Aurelio de Carvalho,**
Santos (SP)

Lula e Trump

Se a agenda dos candidatos em campanha para o Planalto até agora se mostra pouco expressiva e carente de propostas que agradem ao eleitorado, ao menos o presidente Lula tomou uma atitude relevante na sexta-feira ao telefonar para Donald Trump. Entre os diversos temas das relações bilaterais abordados, destacou-se o combate ao crime organizado e, principalmente, a preocupação com o novo tarifaço (25% mais 12,5%) imposto pela Casa Branca em 15 de julho sobre as exportações brasileiras para os EUA . Na tentativa de quebrar o gelo e reduzir as tensões entre Washington e Brasília, Lula questionou as novas tarifas e lembrou que o Brasil acumula um deficit superior a US\$ 90 bilhões no comércio bilateral ao longo dos últimos 1 anos. Diante disso, Trump sugeriu que as equipes técnicas dos dois países retomassem com urgência as negociações comerciais. Resta torcer para que o governo brasileiro relativize o discurso estritamente político, e a Casa Branca cesse as pressões sobre parceiros comerciais históricos como o Brasil, permitindo que ambos alcancem um acordo satisfatório e benéfico para as duas nações.

» **Paulo Panossian,**
São Carlos (SP)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

No corpo a corpo, há candidato distribuindo abraços como quem conhece cada esquina. Em Brasília, alguns, sem assessoria, não sabem voltar para casa — muito menos chegar à realidade do eleitor.

Josias Oliveira — Águas Claras

Mais mulheres no STF fariam bem à Corte — e ajudariam a arejar um ambiente ainda carregado de ranço e testosterona.

Ângela Lira — Vicente Pires

A lei contra a misoginia não pode mais esperar. Enquanto o Congresso adia, a violência contra as mulheres avança. É hora do basta!

Antônio Costa — Samambaia

Vorcaro trocou a Faria Lima pela Papudinha. Seus fiéis escudeiros, porém, continuam perigosamente próximos das suspeitas. Abre o olho, PF.

Patrícia Lima — Lago Sul

Bastou falar em drogômetro para retirar motoristas imprudentes das ruas. Os desentendidos logo confundiram fiscalização com apologia às drogas. Interpretação de texto também salva vidas.

Severino Alencar — Jardim Botânico

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mudo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA		
Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00
Assine		
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp		
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.		
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.		
Anuncie		
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp		
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp		
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp		

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582 /1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br